



## **Texto síntese – Roda de Diálogo SNEA 02**

### **Uma reflexão sobre experiências voltadas para processos formativos e práticas pedagógicas dentro da perspectiva e princípios da educação em agroecologia**

Fernando Fleury Curado<sup>1</sup> e Shirlene Consuelo Alves Barbosa<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, mestre em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ) e doutorado em Desenvolvimento Sustentável (UNB). [fernando.curado@embrapa.br](mailto:fernando.curado@embrapa.br); <sup>2</sup> Servidora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Coordenação do Curso de Pedagogia, mestre em Educação Agrícola (UFRRJ). [shirlene@ufrj.br](mailto:shirlene@ufrj.br)

Apresentamos aqui uma síntese dos trabalhos que discorrem sobre experiências de Educação em Agroecologia apresentados na Roda de Diálogo SNEA02 do II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (SNEA). Por meio destes trabalhos, tivemos a oportunidade de conhecer experiências dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraíba, Maranhão e São Paulo.

Do total de 10 (dez) trabalhos apresentados, 04 (quatro) são relatos de experiências desenvolvidas no Rio de Janeiro, sendo uma na Escola Municipal de Nova Iguaçu, uma experiência do Coletivo de Mulheres do Assentamento Zumbi dos Palmares, uma experiência do Pro-jovem Campo Saberes da Terra Goitacás, ambas no município de Campos de Goytacazes e, ainda, uma experiência do Colégio Técnico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CTUR/UFRRJ), localizado em Seropédica. Já do Estado de Minas Gerais, fizeram parte deste conjunto de trabalhos, as experiências do Instituto Federal Sul de Minas, a partir do seu Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) e a experiência do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa. Do Estado da Paraíba, uma das experiências foi de formação envolvendo parceria entre Universidade Federal da Paraíba e movimentos sociais. A outra experiência foi do Curso de Residência Agrária Jovem. Do Estado do Maranhão foi apresentada uma experiência, também do NEA e, finalmente, de São Paulo, a experiência de Bacharelado da Universidade Federal de São Carlos, em Araras.

Em relação ao público, identificamos diversos atores, entre eles, professores da educação básica e do ensino superior, com um maior destaque para os jovens e crianças, camponeses e camponesas de



diferentes realidades como: assentamentos rurais, quilombolas e também sujeitos das cidades, além deste público, destacamos, também, o protagonismo das mulheres nos relatos das experiências.

A experiência do Coletivo Regina Pinho, em Campos dos Goytacazes-RJ, apresenta esse protagonismo na atuação de um grupo de mulheres do Assentamento Zumbi dos Palmares por meio de estratégias de participação das mulheres em assentamentos de reforma agrária. Apesar do coletivo não participar das instâncias formais de decisão dentro do assentamento, seu protagonismo está em ações para viabilizar o escoamento e comercialização da produção agrícola e artesanal, a exemplo de feiras e redes de consumidores solidários. Assim, as temáticas de gênero e de geração de renda aparecem bem destacadas no conjunto das experiências a partir, principalmente, dos espaços de formação em cada realidade, dessa maneira essas mulheres constroem uma identidade política dentro do assentamento.

Somente uma experiência do ensino superior, voltada para formação profissional em agroecologia foi apresentada, neste caso, relato de um estudante do curso de bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal de São Carlos, Araras- SP. Este trabalho traz reflexões sobre o processo pedagógico e formativo do curso por meio da análise do Projeto Político Pedagógico, bem como reflete sobre a inserção profissional e institucionalização da Agroecologia enquanto profissão.

Identificamos, no Rio de Janeiro, duas experiências da educação básica. Uma experiência voltada para a gestão escolar, por meio do relato de dois coordenadores pedagógicos numa escola do campo, especificamente, Escola Municipal Vale do Tinguá, município de Nova Iguaçu-RJ e a experiência do Colégio Técnico da UFRRJ, com o projeto ECOARTE, com um grupo de jovens que, por meio do teatro, trabalham suas expressões artísticas e culturais, desenvolvendo uma consciência crítica acerca das relações ecológicas, modelo de sociedade, modo de vida, entre outros.

Entre as demais experiências selecionadas para essa roda de diálogo, encontramos trabalhos desenvolvidos em duas regiões do país - Nordeste (Maranhão, Paraíba) e Sudeste (Minas Gerais), respectivamente, os quais reúnem uma grande diversidade de situações e questões que refletem as diferentes realidades socioculturais, além das especificidades do tipo de Educação do Campo e da forma como localmente são articuladas e efetivadas. As Experiências do NEA, por exemplo, guardam a especificidade de uma intervenção institucional junto às coletividades, a partir de ações de formação



que favoreçam o diálogo de conhecimentos, porém, com um perfil mais pontual de envolvimento com a realidade de construção de conhecimento agroecológico, quando relacionada com o ensino formal de um Colégio Técnico ou de uma experiência de Residência Agrária.

Neste sentido, a forma como os princípios da Educação em Agroecologia aparecem no relato das experiências está relacionada fortemente como perfil da experiência, percebendo, naquelas experiências mais integradas às realidades do contexto pedagógico das comunidades, com destaque ao princípio da complexidade, trazendo os instrumentos pedagógicos que marcam experiências dentro da pedagogia da alternância, como: a) organização tempo-espço do Curso de Residência Agrária no curso da PB com os movimentos sociais do Estado; b) a experiência do Projovem, com a organização do tempo escola e tempo comunidade, no RJ; c) os Planos de Estudo, Colocação em Comum da experiência da UFV; d) os PPJs, Planejamentos Coletivos, Feiras Pedagógicas, também do Residência Agrária e do Projovem; e) os processos de sistematização e socialização participativa das práticas educativas e, nesse sentido, de valorização dos sujeitos locais em suas comunidades.

Outras experiências evidenciam uma atenção à perspectiva de fortalecimento de redes de aprendizagem (outro princípio da complexidade na Educação em Agroecologia), articulando os diversos sujeitos a partir das formações, como na experiência da Escola Municipal Vale do Tinguá, Nova Iguaçu, do Projovem Campo Saberes da Terra, em Campos dos Goytacazes, também no Rio de Janeiro e do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFV que envolvem diversos parceiros (organizações e movimentos sociais) em torno das experiências. Tendo ou não destacado o enfoque em “redes de aprendizagem”, o vínculo com os processos locais, ou seja, com os territórios, onde tais experiências se originam e estão inseridas, e que estabelecem o princípio da diversidade na Educação em Agroecologia, aparecem em todos os relatos e análises. Nesses relatos, tais territórios são apresentados como espaços de construção de identidades, reconhecendo e valorizando os conhecimentos dos diversos grupos socioculturais ali existentes, as culturas locais, as práticas educativas neles construídas e as diversas expressões da agroecologia. A diversidade de gênero, conforme destacado acima, é evidenciada na experiência do Coletivo Regina Pinho, em Campos dos



Goytacazes, mas o princípio também aparece na atenção à diversidade sexual, como no caso da experiência mediada pela arte no Colégio Técnico da UFRRJ.

O princípio da vida emerge em diversas experiências, porém, destacamos, também neste aspecto, a ação do Colégio Técnico da UFRRJ no sentido de trazer de forma mais explícita a sustentabilidade em suas diferentes dimensões e, nesta direção, o esforço na construção de uma proposta que evidencia a preocupação com a dimensão artística (corporal) mediando processos de educação, representando também, ao refletir a realidade nestas dimensões, uma inovação metodológica na construção do conhecimento agroecológico, integrando-se, portanto, ao princípio da complexidade na Educação em Agroecologia.

O princípio da vida, especialmente no tocante à aplicação da Ecologia nos processos de intervenção nos agroecossistemas, aparece também na ação do IF Sul de Minas, Campus Machado, em assentamentos rurais, buscando a construção coletiva de novos sistemas de produção para o café, calcados na transição agroecológica.

Também em relação ao princípio da vida, mesmo que em menor frequência, surgiram relatos atentos às ações de reciprocidade como a feira agroecológica do Coletivo Regina Pinho do Assentamento Zumbi dos Palmares, realizada no IFF. Especialmente na experiência do NEA, IFMA, aparece destacado o foco na valorização das sementes crioulas como um patrimônio desses povos, integrando este princípio da vida com o princípio da transformação, ao promover a soberania alimentar dos sujeitos locais.

Em relação a este último princípio, a perspectiva transformadora se evidencia, predominantemente, na valorização das práticas emancipatórias que concedem o protagonismo aos sujeitos locais, especialmente a partir de práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social. Neste sentido, tais experiências emergem atentas a uma formação fundamentada na realidade, problematizando-a para o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, para a transformação social. Destacamos, no conjunto das reflexões transformadoras, o esforço de reflexão empenhado pelo estudante de bacharelado da UFSCar diante de uma estrutura de ensino que compromete a formação de sujeitos que atuarão na educação em agroecologia.



Outro aspecto que destacamos, apesar de reconhecer que a leitura crítica sobre as realidades está presente nos relatos, é a percepção da permanência do uso de termos que, historicamente, consolidaram uma pedagogia tradicional (centrada exclusivamente no programa e no docente) como “transferência de conhecimentos” (fundamentada numa relação de ensino-aprendizagem vertical) ou “difusão” (que relembra a teoria difusionista de E. Rogers, de tecnologias e conhecimentos para o progresso rural), termos bem distantes da perspectiva transformadora da educação em agroecologia. Por que ainda tais expressões coexistem nestes espaços de transformação?

Finalmente, destacamos a pouca reflexão sobre os limites e desafios que o conjunto de experiências apresenta para o aprendizado coletivo nos processos de Educação em Agroecologia nos territórios, seja no ensino formal ou não, excetuando-se as experiências do Projovem Saberes da Terra, de Campos dos Goytacazes e da Escola Municipal Tinguá, em Nova Iguaçu, que explicitam as questões colocadas para essas realidades e que se apresentam como desafios para o avanço dessas experiências.

A experiência de ensino no Bacharelado em Agroecologia da UFSCar também reúne elementos críticos da realidade em estudo. Neste sentido, o que explica esta ausência? As experiências estão consolidadas? Não há desafios para transpor em direção a uma educação que promova as transformações desejadas no campo e nas cidades?

Por fim, consideramos que os trabalhos apresentados na Roda de Diálogo do II SNEA mostram a abrangência das experiências de Educação em Agroecologia pelos diversos Estados, contribuindo, assim, para sua consolidação e fortalecimento no país.